

FOTOGRAFIA, VIAGEM E O FLANEUR CONTEMPORÂNEO: DESLOCAMENTOS E APROXIMAÇÕES ENTRE ARTE, VIDA E FORMAÇÃO

Angélica Rodrigues Lima

FAV/UFG, Brasil

art.angelicarodrigues@gmail.com

RESUMO

Esse artigo aborda alguns conceitos e temas que fazem parte da pesquisa de Mestrado em Arte e Cultura Visual, intitulada “Viajantes e suas passagens: os deslocamentos e as interações entre arte, vida, fotografia e formação” em desenvolvimento pela universidade federal de Goiás UFG. Nesse artigo procuro evidenciar e problematizar o diálogo entre a fotografia (como dispositivo que potencializa a construção de diferentes narrativas visuais) e a viagem (que pode possibilitar experiências estéticas e aprendizados por meio dos trajetos e deslocamentos, além de nos fazer refletir sobre um *flaneur* contemporâneo). Nesse sentido, a metodologia empregada apresenta um movimento entre o tema e a construção da narrativa com fotografias ao longo do texto, a luz das teorias de Walter Benjamin (1994), Villem Flusser (2002) e Michel Onfray (2009). Ademais, o artigo aponta para alguns questionamentos sobre as narrativas visuais que construímos em viagens com o ato fotográfico e como por meio delas estabelecemos diferentes processos de mediação, provocações artísticas e um pensamento reflexivo em torno do caminhar e transitar pela arte, vida e formação.

Palavras-chave: fotografia, viagem, narrativas visuais, flaneur contemporâneo.

1. INTRODUÇÃO

Esse artigo traz algumas reflexões acerca dos temas desenvolvidos desde o primeiro semestre de 2017 durante a pesquisa de Mestrado em Cultura Visual pela Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, cuja proposta é abordar um diálogo entre a fotografia (como dispositivo que potencializa a construção de diferentes narrativas visuais), e a viagem (que pode possibilitar experiências estéticas e aprendizados por meio dos trajetos e deslocamentos, além de refletir sobre um *flaneur* contemporâneo). São apresentadas a cada seção discussões que não sugerem uma hierarquia e linearidade entre os temas e imagens, Mas tem a pretensão de promover ao leitor um passeio com “idas e vindas”, fazendo com que o mesmo tenha a possibilidade de compartilhar e confrontar diferentes experiências com as narrativas. Junto ao pensamento de grandes teóricos como, Walter Benjamin (1994), Villem Flusser (2002) e Michel Onfray (2009), bem como grandes pesquisadores, autores e artistas que se interessam pela discussão atualmente como, Raimundo Martins (2010), Ivor Goodson (2007), Lilian Amaral (2012), o artista Paulo Nazaret (2011) e outros que de maneira direta ou indireta, sempre contribuem e acrescentam novos olhares sobre a pesquisa.

Na primeira seção, apresento uma introdução sobre o mundo como venho dialogando com os temas e compondo com meu trabalho fotográfico a escrita do texto. Adiante apresento como vejo potência nas imagens fotográficas, porque me sinto provocada a interferir nelas e como elas reverberam em minha trajetória acadêmica. Em seguida na seção 2. “A fotografia em trajetos poéticos e reflexivos”, levanto alguns aspectos importantes sobre como pensar a fotografia para além de um registro de lugares e momentos, refletindo sobre o ato fotográfico e a construção de narrativas visuais, que nos proporcionam não só uma reflexão sobre os trajetos, viagens e imagens, mas, sobre o que vemos e o que nos toca ao longo desse caminhar. Logo, na seção 3. “Entre o olhar e o movimento: a arte e o errante” destaco o entremeio, o encontro com aquele que anda, que caminha, que vaga, que se move no mundo de alguma maneira, e que **não é só observador**, mas atuante no cenário, na paisagem, com seus pensamentos e propostas, e que acaba por compartilhar com o outro alguns instantes e lugares. E por fim, na seção 4. “Considerações finais: reverberações nas fronteiras” é o momento em que identifico os desdobramentos dessa discussão ao transitar com os temas no campo da pesquisa em arte e cultura visual, junto das minhas experiências de vida e formação.

Figura 1: Fotografia de viagem, 2014. Fonte: arquivo próprio



De um modo especial, a fotografia e a viagem são partes importantes na construção da minha da minha trajetória acadêmica e pessoal, as quais alimentam e também narram algumas histórias de vida. Além disso, estão presentes nas melhores experiências que já vivenciei na educação, primeiramente como discente e posteriormente como docente. Esse é um dos motivos pelo qual me interesso em trazer para esse texto a possibilidade de revisitar com esses temas e assuntos, algumas memórias e referências que compõem a minha trajetória de vida, no campo da arte e da minha formação, por meio de um possível *flânerie*.

Indubitavelmente, reorganizar as experiências atravessadas por percursos, onde a própria paisagem toma forma e se deforma, ao passo do movimento e do tempo que os trajetos em viagens nos permitem viver, desenvolve em nós a possibilidade de olhar, aproximar ou distanciar das imagens que, aparentemente são pouco pensadas ou discutidas. No momento em que trato das aproximações é preciso destacar que as imagens apresentadas não ilustram, mas narram um olhar, um encontro, um sentimento. São fotografias que fazem parte de um arquivo particular e que se apresentam como narrativas visuais de percursos que mediam e contam da experiência de encontros com pessoas que vivem e andam às margens de rodovias do nordeste brasileiro. Essas imagens construídas e intermediadas pela experiência da viagem alimentam um processo artístico no qual me sinto provocada a sempre revisitar e intervir.

As intervenções nas imagens acontecem quando procuro destacar o que seria o mais importante na fotografia, as pessoas. Ao mexer nas imagens estabeleço algumas provocações, principalmente quando apago o contexto e partes das paisagens que dizem sobre onde estive quando fiz as fotografias. E em meio a esse processo de destacar aquele que se faz presente na imagem, "entre" o "eu" e o "lugar", procuro reconstruir horizontes que já existem, assim como proponho ao leitor a concordância de o mesmo também viajar por meio delas e criar suas próprias narrativas e interpretações. Neste sentido, Martins (2010: 22- 23) nos lembra que, "no processo de interpretação, ao tentar compreender o sentido simbólico das imagens, os indivíduos são influenciados pelo imaginário dos lugares sociais por onde passam, vivem ou habitam. O território visual onde as pessoas estão situadas – moram, freqüentam, etc. -, ou seja, o contexto das esferas das suas relações com o mundo as coloca num processo de construção de sentidos e significados, de práticas de interpretação".

Figura 2: Fotografia de viagem, 2013. Fonte: arquivo próprio



Ao apresentar, por meio das imagens, um olhar particular torno possível o desenvolvimento de reflexões e questionamentos que me acompanham enquanto viajante, professora, pesquisadora e artista. Nessa perspectiva, segundo Michel Onfray (2009, p. 96) "Vagamos no universo acompanhados de máquinas super poderosas, mas dotados de um corpo diminuído, empobrecido, incapaz das operações elementares da memória". Assim, é preciso discutir sobre os modos como nos relacionamos com as imagens que produzimos, como fazemos uso desses aparelhos e equipamentos, como por meio deles olhamos o mundo, e como nós nos reconhecemos vivendo nesse mundo por meio das imagens. Ademais, é preciso destacar ainda que "o viajante não poderia dispensar o suporte para fixar os abalos consubstanciais aos deslocamentos" Onfray, (2009: 49). Por ser comum que tenhamos o desejo de fixar as imagens que nos atravessam nos percursos de uma viagem.

Dessa forma, Onfray (2009: 52) nos lembra que, "Nada pior do que um dilúvio de vestígios uma abundância de fotografias – como a histeria contemporânea e turística que consiste em registrar tudo com seus aparelhos digitais e se arrisca a reduzir sua presença no mundo à mera atividade de filmar". É o que muitos pesquisadores e artistas também vem discutindo nesses últimos tempos, e que compartilho não só nas pesquisas acadêmicas, mas sobretudo para pensar a vida e o cotidiano. Refletir, principalmente, sobre o exercício de olhar para as imagens que já temos, e pensar sobre os excessos na produção de tantas fotografias que rapidamente podem ser deletadas, guardadas ou esquecidas, não que essa prática seja ruim, ou que não tenha um valor, ao contrário, ela pode nos levar a caminhos novos e a perceber que também podemos atuar a favor desse tempo. Simplesmente, porque isso reflete um modo de viver contemporâneo, que ainda suspeitamos e procuramos entender. Do mesmo modo, as fotografias acontecem, não deixam de ser produzidas, reproduzidas e revisitadas haja vista que a cada dia surgem novos dispositivos, aplicativos, um novo modo de produzir e interferir nas fotografias, porém, nem sempre consideramos o poder das imagens, da sua capacidade narrativa e reflexiva, para além das representações e registros, uma vez que o acúmulo de imagens guardadas em arquivos, suportes e dispositivos, são, geralmente, pouco exploradas.

2. A FOTOGRAFIA EM TRAJETOS POÉTICOS E REFLEXIVOS

Figura 3: Fotografia de viagem, 2014. Fonte: arquivo próprio



Fotografar implica em uma relação de trocas, trânsitos e transformações, que sugere um “andar a procura”, ou um “encontrar por acaso” aquilo que se pode buscar no mundo exterior, detalhes que abrem os abismos da subjetividade. Deflagrar as relações existentes entre o ato fotográfico, a fotografia e o fotógrafo, assim como os processos pelos quais materializamos as imagens, nos conduz a caminhos de investigação e de reflexões diversas, tanto em termos históricos como nos sentidos conceituais, poéticos e subjetivos.

No contexto contemporâneo, as possibilidades e transformações constantes em relação as produções, que se utilizam de máquinas e aparelhos como a fotografia, se entrelaçam aos assuntos e reflexões de Flusser (2002), o qual discorre com propriedade sobre as imagens técnicas. De acordo com o autor, a mais importante característica das imagens técnicas, é o fato delas materializarem determinados conceitos a respeito do mundo, justamente os conceitos que nortearam a construção dos aparelhos que lhes dão forma. Neste sentido, o autor aponta os fotógrafos experimentais como pesquisadores do caminho da liberdade do homem na sua relação com os aparelhos. Assim, o artista procura menos representar o real do que problematizá-lo, e atuando como um pesquisador mesmo não sabendo lidar com os processos técnicos do aparelho fotográfico, experimenta tantas possibilidades e apropriações, que acabam por construir relações estreitas e interessantes com esses dispositivos a ponto de extrair deles experiências maiores com as imagens.

Ao pensar neste contexto, Rouillé (2009: 352) diz que: “Não foi o “médium fotográfico que se infiltrou na arte, ” mas os artistas que se serviam dele para responder a suas necessidades artísticas próprias. Nessa perspectiva, não houve na arte infiltração pela fotografia, mas utilização do dispositivo técnico fotográfico pelos artistas – sem a prática nem o saber fazer, nem mesmo os usos, nem a cultura, nem o público da fotografia.” Visto que a fotografia se apresenta no campo da arte e da cultura como um dispositivo quase indispensável na contemporaneidade, que nos dá cada vez mais a possibilidade de construir diferentes discursos, representações e realidades, na qual vislumbramos as aproximações entre a fotografia, arte, vida, como agentes que intermediam diferentes tipos de percursos.

Por outro lado, Flusser (2002) considera como um “funcionário” aquele que faz uso das máquinas para produzir por meio delas imagens técnicas, imagens que são produzidas de forma mais ou menos automática. Pensando que, as máquinas para esse funcionário são caixas pretas cujo funcionamento e mecanismo gerador das imagens não permitem autoria e criação. O funcionário lida apenas com os comandos do aparelho, mas não com o processo interno. Porém, as caixas podem funcionar e colocar em operação o seu programa gerador de imagens técnicas mesmo quando o funcionário que as manipula desconhece o que se passa em suas entranhas. Assim, Flusser (2002) nos convida a repensar sobre como são produzidas as imagens e como fazemos uso dos aparelhos e equipamentos.

A partir de contextos contemporâneos, buscamos entender também os modos como nos relacionamos com os eventos, mudanças e transformações, advindas de um cotidiano imerso pelas tecnologias. No que tange as incertezas, o inesperado, as surpresas, o sair para ir ao encontro do desconhecido, e, principalmente, o fazer-se presente, fazer-se observador e pensante em espaços de mediação e intervenção com o mundo e com a vida. Assim como Benjamin (1969), nos esclarece acerca do modo como nos relacionamos com os espaços, com as cidades, e conseqüentemente com as bruscas mudanças, nada inocentes, muitas vezes maquiadas pela ideia do progresso e do novo, infelizmente, nos encontramos muitas vezes à deriva, como simples funcionários dos movimentos que o mundo nos sugere.

Assim, a imagem (Figura 3), deflagra as relações do ato fotográfico em viagens como uma experiência do encontro, do momento decisivo, a qual apresenta na paisagem uma presença marcada por um caminhar. E aquilo que dá sentido à imagem é justamente a incerteza e a dúvida que surge quando olhamos para a cena fixada e construída pela fotografia. Algumas questões aparecem ao olharmos para ela, como: O que essa imagem deflagra e o que pode dizer sobre os momentos decisivos?

No momento em que cruzamos com o “outro” no caminho, e quando esse outro afeta diretamente o nosso olhar, nossos sentimentos por alguma questão que não sabemos a princípio definir o que seria, mas que existe. Surge então, a vontade de fixar esses momentos e movimentos em uma imagem, a qual nos possibilita retornar ao encontro por meio dela e aumentar as possibilidades de aproximação na expectativa de conhecer o outro, entender um pouco mais do que se passa na cena, e perceber como o movimento dessas pessoas dialogam com o nosso próprio movimento nos percursos, trajetos e viagens, e que conseqüentemente podem influenciar uma produção poética. Nesse sentido, Flusser (2002: 8) diz que, “Ao vaguear pela superfície, o olhar vai estabelecendo relações temporais entre os elementos da imagem: um elemento é visto após o outro. O vaguear do olhar é circular: tende a voltar para contemplar elementos já vistos. Assim, o “antes” se torna “depois”, e o “depois” se torna “antes”. O tempo projetado pelo olhar sobre a imagem é o eterno retorno”.

3. ENTRE O OLHAR E O MOVIMENTO: A ARTE E O ERRANTE

Figura 4: Fotografia de viagem, 2013. Fonte: arquivo próprio



Entre o período de 2013 e 2016 cuidei de pensar por meio dessas fotografias (Figuras 1, 2, 3, 4 e 7) uma série de questões que muito me angustiam e ao retornar a elas no momento político/social que vivemos atualmente no mundo e, especialmente, no Brasil é inevitável que essas questões não sejam novamente levantadas. Pois, por meio dessas imagens é possível perceber o quanto estamos inseridos em uma dinâmica injusta e desigual, na qual os menos favorecidos, aqueles que se movimentam afim de garantir uma sobrevivência não tem se não um caminho incerto, cheio de cargas e muitas dúvidas ao seguir um destino, e tornam-se aos olhos de muitos um “ser ninguém”.

A partir dos contextos contemporâneos, presenciamos a importância de se problematizar os modos como nos relacionamos com os eventos, mudanças e transformações, advindas de um cotidiano cheio de incertezas. E assim, entre o olhar e o movimento, a arte enquanto questionadora se estabelece na figura do errante. E neste sentido Onfray (2009: 35) destaca que, “O primeiro passo instala, de fato, um entremeio que tem a ver com uma **lógica especial: não mais no lugar deixado, ainda não no lugar cobijado, flutuando, vagamente ligado as duas margens, num estado de ausência de peso espacial e temporal, cultural e social, o viajante penetra no entremeio como se abordasse as costas de uma ilha singular**”. No que tange as incertezas, o inesperado, as surpresas, o sair para ir ao encontro do desconhecido, e principalmente o fazer-se presente, fazer-se observador e pensante em espaços de mediação e intervenção com o mundo e com a vida, nos possibilita um envolvimento estético que pode se tornar um exercício para entender as dinâmicas do mundo, principalmente quando nos deixamos envolver com a experiência da viagem nos deslocamentos das idas e vindas.

Antes de tudo, houve um tempo em que existiu uma figura, que dedicava seu tempo a vagar pelas ruas, a fim de observar o que acontecia ao seu redor, de apreender algo de mais duradouro no cenário urbano. A passagem era feita a pé e sem pressa, como requer qualquer “trabalho” de análise da vida cotidiana que se preze. Este personagem, chamado de *flâneur* que surgiu em meados dos anos 1930 e 1940. Personagem da era moderna, descrito por Baudelaire na França do século XIX, mas que ainda incita o pensamento urbano contemporâneo. Benjamin (2007: 35) “O perfeito *flâneur*... é um deleite imenso escolher como seu domicílio a multidão, o ondulante... Estar fora de casa e, no entanto, se sentir em casa em toda parte; ver o mundo; estar no centro do mundo e permanecer oculto ao mundo, eis alguns dos prazeres menores desses espíritos independentes, apaixonados, imparciais, que a língua não pode definir senão toscamente. O observador é um príncipe que frui por toda parte o fato de estar incógnito... O apaixonado da vida universal entra na multidão como em um imenso reservatório de eletricidade. Pode-se compará-lo também a um espelho tão imenso quanto essa multidão, a um caleidoscópio dotado de consciência que, a cada um de seus movimentos, representa a vida múltipla e o encanto cambiante de todos os elementos da vida”.

E quando refletimos a condição e o pensamento humano imersos em um tempo ligeiramente agressivo, marcado por sucessivos eventos contemporâneos, indagamos a respeito do que seria o *flâneur* na contemporaneidade, se ainda existe essa figura, ou se este personagem sofreu transformações ao longo dos tempos que não o identificamos mais. Deve-se considerar também que o *flâneur* é um ponto de tensões e contradições que divide opiniões. E por ser evidente que existem tipos de pessoas que agem sobre o mundo com comportamentos bem diferentes Onfray (2009: 11) destaca principalmente que “Os andarilhos, os

vagabundos, os errantes, os que pastam, correm, viajam, vagueiam, flanam, palmilham, já é sempre em oposição aos enraizados, aos imóveis, aos petrificados erigidos em estátua”.

Ao pensar sobre as transformações da figura que anda e se movimenta como um observador do mundo, podemos notar a figura do artista contemporâneo, que busca no caminhar e nas experiências cotidianas, o qual podemos articular os trânsitos e interações entre arte, vida e fotografia. Ao pensar sobre isso a artista visual, curadora e pesquisadora, Amaral (2012: 44) destaca que: “Transitar entre territórios converteu-se em condição humana contemporânea marcada pelo deslocamento, fluxo e aceleração. Territórios entendidos como contextos definem os lugares de existência. Territórios culturais, étnicos, religiosos parecem definir melhor a noção contemporânea de lugar”

Nessa perspectiva o artista Paulo Nazareth (2011), nos chama a atenção pela forma como contesta e problematiza o cenário da arte contemporânea, e de como utiliza a fotografia a serviço de seus trabalhos e para a construção de sua poética. Um artista andarilho, performático, que busca o debate de questões raciais, nacionais e continentais, ainda que seja pouco discutido na arte contemporânea brasileira. Paulo Nazareth vem encarando esse desafio a fim de ir rompendo com essas barreiras políticas, sociais e linguísticas, quando se propõe a ir ao encontro do desconhecido, estabelecendo trocas e descobertas que possibilitam criações ao longo dos percursos, deixando explícito, não apenas o processo de construção de objetos de arte, mas principalmente a ideia de um artista em movimento.

Figuras 5: Paulo Nazareth, “Nos ostros Tenemos Derecho A Este Paisaje”, 2011 e Figuras 6: Paulo Nazareth, “Sem título”, da série “Notícias de América”, 2012. Fonte: <http://www.premiopia.com/pag/paulo-nazareth/> Acesso em: 02/07/2017.



Pensar os deslocamentos, territorialidades, encontros e experiências, no caminhar, trabalhar com as imagens em meio aos processos de produção de uma poética, constitui também maneiras de pensar e sentir o mundo, enaltecendo cada vez mais as articulações entre o cenário artístico contemporâneo e as diversas pesquisas que envolvem o campo das artes visuais. Sendo assim, levanto questionamentos que buscam identificar as inquietações e anseios de estudantes, artistas, professores, quando se põem a vivenciar a prática da viagem. Refletindo sobre o que levamos para os lugares, como deixamos nossas marcas neles, e quais as marcas os lugares deixam em nós.

Além disso, essa figura do errante pode estar associada a figura do professor no Brasil, uma vez que parece vagar pelos caminhos da educação e da arte como aquele que observa e pesquisa esses trajetos atuando neles, mas que ainda assim vivencia uma relação conflituosa com o próprio sistema político e de educação e outras dinâmicas rígidas e burocráticas que são estabelecidas em sua estrutura. E neste contexto onde não encontramos espaço, tempo e pessoas para “errar” onde se vive a ilusão de que os espaços de educação fabricam certezas e um futuro promissor, não caberia gastar o tempo aprendendo e entendendo o que culturalmente a dinâmica da viagem poderia proporcionar, ela simplesmente entra na vida como um mérito daqueles que “podem” ou conseguiram por alguma consequência, motivo ou status. E nesse processo, estaríamos longe de vivenciar o que Onfray (2009: 81) acrescenta, “Viajar conduz inexoravelmente à subjetividade. Dividida, fragmentada, espalhada, ou compactada, é sempre diante dela que acabamos por chegar, como diante de um espelho que nos convida a fazer o balanço de nosso trajeto socrático: o que aprendi de mim? O que posso saber com mais certeza do que antes da minha partida?”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: REVERBERAÇÕES NAS FRONTEIRAS

No momento em que encontramos nas fronteiras uma possibilidade de viver grandes experiências, nos deparamos também com o que os caminhos que percorremos fizeram de nós e se enxergar nesse processo requer sensibilidade, humildade e honestidade. A saber que esse caminhar reverbera não só em experiências particulares, mas sobretudo em uma relação de trocas, as quais se estabelece também em diferentes práticas que atuamos com a responsabilidade de intervir, mediar e orientar, percebermos o quanto se torna potente as aproximações que podemos estabelecer entre a fotografia, a viagem e o caminhar, no sentido de percorrer, refletir e criar trajetórias que nos levam a viver e aprender nas fronteiras. Em suma, ao percebermos que os grandes posicionamentos e construções de pensamentos são feitos principalmente por aquilo que

nos afeta, que atinge particularmente uma certa vivência que já faz parte de uma experiência compartilhada. Ao tratar do mesmo assunto, Goodson (2007: 61) em uma de suas entrevistas realizada por Raimundo Martins e Irene Tourinho, desdobra o entendimento sobre fronteiras dizendo, “É nesses lugares internos que fronteiras continuam a crescer, continuam a expandir a consciência de si”.

Figura 7: Fotografia de viagem, 2013 Fonte: arquivo próprio



Refletir sobre as narrativas que se cruzaram em uma perspectiva de que, lembrar, narrar, e pensar sobre o fato vivido tendem a influenciar futuras práticas de como ver o mundo e de como atuamos ao nos ver nesse mundo, desencadeia um processo que se cruza no professor artista e no artista professor. Assim como, a construção de uma temática tendo também como veículo ativo do pensamento a fotografia como um dispositivo que potencializa a construção de narrativas visuais, a viagem que possibilita experiências estéticas e aprendizados por meio dos trajetos e deslocamentos, além de refletir sobre o *flâneur* contemporâneo em pontos de interpretação e de percepções vividas.

A imagem na arte contemporânea tem a flexibilidade e o poder, de se envolver com trajetos poéticos, conceituais, filosóficos e políticos na busca de um organismo vivo que aborda o conhecimento que temos sobre o mundo que conhecemos, experimentado também por nossas sensações e emoções. Nesse sentido, as imagens que a narram visualmente o artigo, também vão ao encontro disso, além do que nos fazem refletir sobre o reposicionamento dos sujeitos na paisagem, os quais acompanham um trajeto diferente do que está sendo apresentado nas fotografias (Figuras, 1, 2, 3, 4 e 7). Por ora, posso dizer que essas experiências de produção, pesquisa e reflexão que acontecem por meio dos deslocamentos em viagens se reverberam nas fronteiras onde atuamos, descobrindo também quem nós somos nesse encontro com o outro. Em conclusão, Miranda (2015: 160) aponta também que, “As aprendizagens que podemos gerar para uma educação que tenha haver com a arte contemporânea e a cultura visual devem reconhecer as formas pelas quais produzimos conhecimentos sobre o mundo e sobre nós mesmo”.

REFERÊNCIAS

- AMARAL Lilian, (2012). *Arqueologia da R.U.A: narrativas em Realidade. Urbana. Aumentada. Quando o encontro se transforma em um território artístico*, coletivo e expandido. VISUALIDADES, Goiânia v.10 n.2 p. 41-55, jul-dez. Recuperado de: www.revistas.ufg.br/index.php/VISUAL/article/view/26549 [Acesso / 01/ julho/ 2017].
- BENJAMIN, Walter. (1994). *Pequena História da Fotografia. In: Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaios sobre Literatura e História da Cultura* (Obras Escolhidas, volume 1, 7ª edição). São Paulo: Brasiliense.
- BENJAMIN, W. (1998). *Passagens*. Tradução de Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão e revisão de Patrícia de Freitas Camargo. Belo Horizonte/São Paulo: Editora UFMG/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. Cf. especialmente pp. 77-100; 901-902. Cf. também MISSAC, P. *Passagens de Walter Benjamin*. São Paulo: Iluminuras.
- FLUSSER, Vilém. (2002). *Filosofia da Caixa Preta, Ensaio para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- GOODSON, Ivor. (2007). *Políticas do conhecimento: vida e trabalho docente entre saberes e instituições* / org. e trad. Raimundo Martins e Irene Tourinho. – Goiânia: Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual.
- MARTINS, Raimundo. (2010). *Pensando com imagens para compreender criticamente a experiência visual*. In: Assis, Henrique Lima; Rodrigues, Edvânia Braz Teixeira. *Educação das Artes Visuais na Perspectiva da Cultura Visual: Conceituações, Problematizações e Experiências*. Goiânia: pp. 19-38.
- MIRANDA, Fernando. (2015) *Fora de Controle: acontecimentos e aprendizagens na cultura visual e na arte contemporânea*. In: MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene (Orgs.). *Educação da cultura visual – aprender... pesquisar... ensinar...* Santa Maria: Editora UFSM. p. 147-164.
- NAZARETH, Paulo. (2011 – 2011) “*Nos ostros Tenemos Derecho A Este Paisaje*”, e “*Sem título, da série Notícias de América*”, Recuperado de: <http://www.premiopipa.com/pag/paulo-nazareth/> [Acesso / 02/ julho/ 2017].
- ONFRAY, Michel. (2009). *Teoria da Viagem: poética da geografia*. tradução de Paulo Neves. – Porto Alegre, RS: L&PM.
- ROUILLÉ, André. (2009). *A fotografia: entre documentos e arte contemporânea* / André Rouillé; tradução Constância Egrejas. – São Paulo: editora Senac São Paulo.

CURRÍCULO

Angélica Rodrigues Lima

Mestranda em Arte e Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás (UFG) Brasil. Graduada em Licenciatura em Artes Visuais pela Faculdade de Artes Visuais (UFG). Professora e artista visual, desenvolve trabalhos com ênfase na arte contemporânea e fotografia.